

amc. 1.3

98 JAN 1966

Um dos males mais perniciosos que atacam a política brasileira nesta complexa fase de reestruturação institucional que estamos atravessando, é a intoxicação ideológica. As ideologias, se consideradas no seu devido papel, podem até contribuir positivamente para balizar o pensamento e formular, de suas respectivas posições, os problemas que se apresentam e indicar as soluções que propõem como as mais adequadas. Cabe à sociedade, no debate democrático das idéias, optar pelo caminho preferido pela maioria. Mas quando a ideologia se transforma em dogma, em ortodoxia, isto é, quando atinge o grau de intoxicação e se transforma numa cartilha infalível onde se encontram todas as respostas, dadas como verdades absolutas e indiscutíveis, a comunicação fecunda entre os diferentes segmentos sociais, cada qual portador de valores próprios, como é natural, torna-se impossível, de vez que as posturas dogmáticas a bloqueiam. Sem comunicação, sem abertura de espírito, sem aceitação de ajustamentos —preliminar de qualquer debate inteligente—, não há convivência social possível, senão em termos de confrontos sucessivos, com as majorias de momento impondo sua vontade às minorias. Nada mais contrário à prática democrática.

Há divergências, por certo, que não são redutíveis a entendimentos, a composições, a transigências reciprocas. Recorre-se, então, ao

voto pelo critério majoritário. O que se está vendo na Assembléia Nacional Constituinte, porém, é um núcleo ideologicamente fechado, dogmático, intoxicado por sua suposta razão, que não só recusa o diálogo com as forças majoritárias, como as contesta quando exercem, nas votações, os direitos de maioria que o eleitorado lhes conferiu. Como pretender que uma democracia seja autenticamente representativa quando é comandada pelas minorias?

Seria fácil enumerar uma série de dogmas que animam tais minorias e que, por efeito da intoxicação ideológica, escapam à racionalidade mais elementar. O nacionalismo exacerbado e mal compreendido é um deles. A hostilidade ao FMI, também mal compreendido nas suas funções, é outro. A reforma agrária imediatista e puramente distributiva, desacompanhada de uma política agrária, é outro. E assim por diante. Não se trata, apenas, de choques de opinião, até desejáveis numa democracia, entre grupos, facções e partidos, mas de negação, por alguns, de que o princípio majoritário seja válido, na impossibilidade de um acordo. E de que os majoritários, por fazerem valer sua condição de maioria, são automaticamente "reacionários", a serviço de interesses antinacionais. Onde fica, nesse quadro, a opinião pública, que levou, livremente, pelo voto, essa maioria à Assembléia Constituinte?

A intoxicação ideológica não se limita à política. Temos sido vítimas dela também na economia. Doutrinas de justificação teórica e prática duvidosa, que se proclamam "heterodoxas", são defendidas e algumas foram impostas ao país, por escolas de economistas também eles dogmáticos, trancados em suas alegadas verdades, em oposição à realidade das coisas, quando não ao simples bom senso. É esse valor tão precioso, que é o bom senso, passou a ser considerado "retrogrado", "primário", fruto de uma visão ultrapassada das questões econômicas. A intoxicação doutrinária, degenerada em dogma, em ortodoxia, nos custou muito caro em experiências recentes.

Eis que assume o Ministério da Fazenda um homem que se dispõe a executar uma política de "arroz com feijão". Os pseudocientistas da economia o receberam com reservas. A uma política de "arroz com feijão" não se aplica o nome de "ciência". E esses economistas não aceitam uma proposta que não seja, antes de mais nada, "científica". Ora, estamos justamente intoxicados de cientificismo, com resultados extremamente negativos para o desempenho da economia. E é animador que o sr. Mailson da Nóbrega pudesse reabilitar o simples bom senso e não se deixar amarrar a posições dogmáticas, tiradas dos livros e das salas de aula, mas não da realidade concreta. Se tiver condições políti-

cas para tanto, poderá ainda prestar, na sua simplicidade, serviços relevantes ao país. A atuação do presidente Sarney, único sustentáculo do sr. Mailson da Nóbrega, será decisiva. Se der respaldo ao seu ministro para que modere a intervenção do Estado na economia, para que adote uma linha racional e não emocional perante o capital estrangeiro, sem entreguismos nem preconceitos absurdos; se reduzir as despesas públicas a um nível compatível com os nossos recursos; enfim, se fizer isso que ele mesmo chama de "arroz com feijão", sem derrotismos e sem sonhos irrealizáveis, Sarney encontrará, com certeza, o lugar que tanto busca na nossa história. A sociedade não procura e não quer soluções mágicas, choques, controles e medidas de gênero. A sociedade procura e quer estabilidade, confiança e condições para trabalhar. O grande inimigo, a inflação, resistiu aos tratamentos científicos. É bem possível e mais do que desejável que não resista ao bom senso, ao "arroz com feijão". É a responsabilidade que assumiram o presidente Sarney e o sr. Mailson da Nóbrega. Usamos os antibióticos, a quimioterapia, e não conseguimos nada, senão agravar a crise. A aspirina talvez seja o medicamento mais indicado.

ABRAM SZAJMAN, 48, empresário, é presidente da Federação e Centro de Comércio do Estado de São Paulo (Fecoc/Senac).